

Economia *Brasil*

A escalada do ouro e do dólar, mais as taxas recordes de juros no over geraram a expectativa de um novo choque. Sarney e Mailson desmentiram tudo nos Estados Unidos.

303 Novo choque? Sarney está jurando que não.

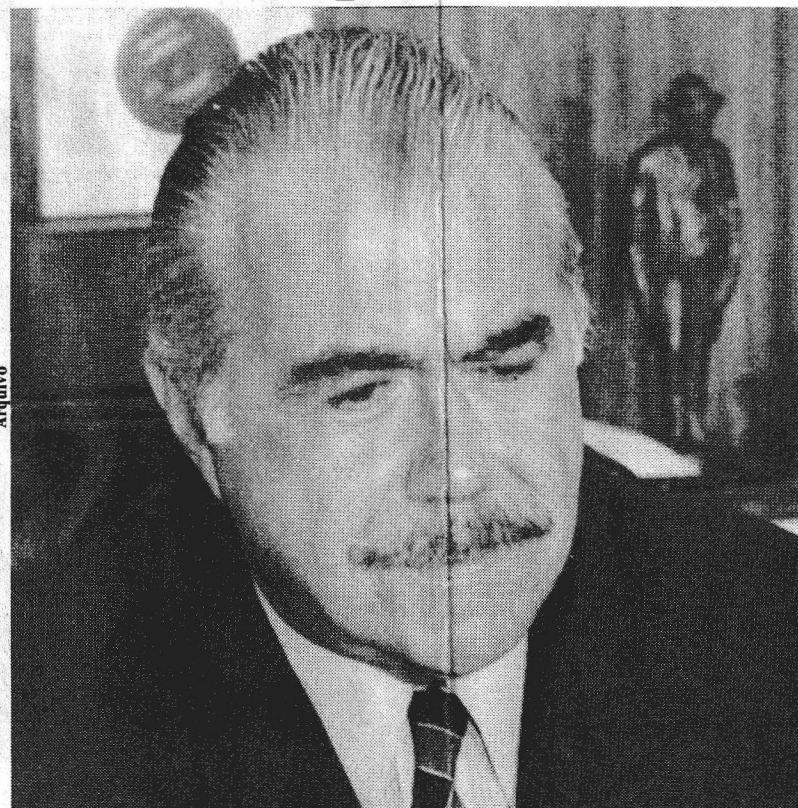
Enquanto no Brasil estouravam ontem as taxas do over, ouro e dólar, em meio a novos boatos sobre a adoção de outra rodada de medidas heterodoxas, em Nova York, os estudos para a implementação de um novo choque econômico eram desmentidos pelo presidente José Sarney, que está participando da assembléia geral das Nações Unidas. E também em Washington, pelo ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, que participa da reunião anual conjunta do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (Bird). "Não vai haver choque econômico nem antes nem depois das eleições", garantiu Sarney. "Nossos esforços neste momento são para criar as condições adequadas para que o próximo presidente da República possa negociar uma política interna e a dívida externa."

A posição de Sarney e Mailson foi reforçada em Brasília pelo ministro do Planejamento, João Batista de Abreu, que criticou o

"processo de produção de informações falsas". Isso estaria gerando movimentos especulativos no mercado, qualificados por Abreu de "coreografia macabra".

As pessoas que estão espalhando esse tipo de especulação, desabafou Mailson em Washington, estão agindo "por objetivos eleitorais ou financeiros ou por pura irresponsabilidade". O ministro da Fazenda ficou inicialmente abalado ao saber da manchete publicada ontem pelo **Estado de S. Paulo** dando conta de que o debate sobre um novo choque havia sido reiniciado no governo, com apoio do Palácio do Planalto e à revelia da área econômica.

O estado de ânimo de Mailson chegou a alimentar o temor de que ele poderia estar com seus dias contados no governo. Pelo menos foi esta a impressão entre empresários e executivos brasileiros com quem esteve ontem brevemente durante a cerimônia de instalação da reunião anual do



Arquivo

Sarney: o único pensamento é a dívida.

FMI e do Bird, no salão nobre do hotel Sheraton

No início da tarde, contudo, Mailson divulgou uma declaração por sua assessora de imprensa, Rosa Dalcin, assegurando que não pretende pedir demissão. "É duro, mas vamos continuar lutando para manter a economia do país sob controle", disse ele. "Até onde sei", acrescentou, "quem está assessorando o presidente em matéria econômica é a Fazenda e a Seplan. O resto é especulação. Algumas pessoas não estão entendendo o grave momento por que passa o país", queixou-se ele.

Recusa

Se o governo quiser dar um novo choque na economia não contará com os ministros Mailson da Nóbrega e João Batista de Abreu para comandar a operação, garantem assessores muito próximos de ambos. Além de todas as considerações políticas e técnicas que desaconselham o choque, eles têm em comum um

argumento profissional: não querem manchar seus currículos com o que acham que seria uma aventura de fim de governo.

"Estou muito velho para acreditar em Papai Noel", afirmou ontem o secretário-geral e ministro interino da Fazenda, Paulo César Ximenes, ironizando o nome que o deputado Delfim Netto (PDS-SP) deu ao suposto choque — plano Papai Noel, porque viria no final do ano, depois da eleição presidencial. O ministro Saulo Ramos, da Justiça, apontado pelas fontes como um dos defensores do choque dentro do governo, disse ontem que a informação "é lamentável" e inverídica.

O ministro interino Paulo César Ximenes foi muito incisivo ao negar a preparação de um choque dentro do governo. "Quem faria um choque seriam os ministros da Fazenda e do Planejamento, e esses ministérios não estão estudando um choque", afirmou.